

## Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa

*Ganbaru (make effort) and its intersecctions in japanese society*

Cesar Alves Ferragi<sup>1</sup>

Monica Filomena Caron<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo trata de aspectos ligados à expressão *ganbaru* (esforçar-se) como uma face da socialização em valores de harmonia e hierarquia, que são centrais para a sociedade japonesa, e são reforçados por outras instâncias sociais, a mídia e a polícia, também consideradas e que parecem refletir um modelo de arranjos sociais que é bastante distinto no modo como se compartilham responsabilidades pessoais por problemas sistêmicos. O texto está dividido em três seções: o papel da masculinidade, o papel do grupo e o papel da mídia, delineando a distribuição desigual da “insegurança no trabalho” no Japão. Explora-se temas como *furiitas* (trabalhadores em tempo parcial), “solteiros parasitas”, crianças vítimas de *bullying* e mulheres trabalhadoras.

**Palavras-chave:** *Ganbaru*. Masculinidade. Mídia. Sociedade Japonesa.

**Abstract:** This article deals with aspects related to the expression *ganbaru* (make effort) as a face of socialization in values of harmony and hierarchy, which are central to Japanese society, and are reinforced by other social bodies, the media and the police, also considered and which seem to reflect a model of social arrangements that is quite different in the way in which they share personal responsibilities for systemic problems. The text is divided into three sections: the role of masculinity, the role of the group and the role of the media, outlining the uneven distribution of “job insecurity” in Japan, *furiitas* (part-time workers), “parasite singles”, children who are victims of bullying and female workers.

**Keywords:** *Ganbaru*. Masculinity. Media. Japanese Society.

---

<sup>1</sup> Doutor em Administração Pública pela *International Christian University* - ICU. Professor Adjunto no Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, *Campus Sorocaba*. ORCID: [0000-0001-8066-500X](https://orcid.org/0000-0001-8066-500X). E-mail: [ferragi@ufscar.br](mailto:ferragi@ufscar.br)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professora Associada no Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades, da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, *Campus Sorocaba*. ORCID: [0000-0003-2861-1295](https://orcid.org/0000-0003-2861-1295). E-mail: [mocaron@ufscar.br](mailto:mocaron@ufscar.br)



## Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa

Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron

「頑張ってください！頑張れば、大丈夫です。」

“Por favor, esforce-se! Dê o seu melhor e, então, tudo ficará bem!”<sup>3</sup>

### Primeiras palavras

Antes da mudança para o Japão, um dos autores deste texto estava ciente dos diversos aspectos culturais que, inevitavelmente, enfrentaria ao chegar ao país. A cultura, como sugere Hofstede (2001), é comumente vivenciada de modo conflituoso, pois as diferenças culturais são, em geral, um incômodo e, muitas vezes, motivo de embate e não de sinergia. Existem muitas dimensões culturais diferentes que se sobrepõem em cada país, e o Japão não é uma exceção. De fato, alguns autores consideram o Japão um caso particular de uma nação insular que desenvolveu seu próprio conjunto de valores e costumes. McCargo (2004) caracteriza o sistema educacional como uma importante fonte de socialização em valores de harmonia e hierarquia que são “centrais para a sociedade japonesa”. Tais valores parecem ser reforçados por outras instituições sociais, como a mídia e a polícia, refletindo um modelo de arranjos sociais que é bastante distinto no modo como se compartilham responsabilidades pessoais por problemas sistêmicos. A obsessão japonesa pelo *ganbare*, “continue trabalhando duro”, pode ser um bom exemplo disso.

Alijado da cultura, e nativo brasileiro, um dos autores se perguntava, tentando observar e compreender a sociedade japonesa e sua dinâmica, por quais motivos os japoneses trabalham tanto. Desde que começara a passar de uma “criança cultural a um adulto cultural”<sup>4</sup> (Bachnik, 2004), percebeu alguns pontos cegos na sociedade japonesa que merecem uma consideração especial, como algumas características relacionadas à expressão *ganbaru* - “Vou me esforçar” - e suas contradições ocultas que mantêm “incompletas” ou “mal reconhecidas” (Bourdieu, 1977) as percepções de gênero no sistema social. Este texto explora a abordagem de Genda (2005) sobre o desreconhecimento e a situação atual do trabalho no Japão, combinando um conjunto de diferentes estruturas teóricas aplicadas aos dados empíricos e às áreas de pesquisa em

<sup>3</sup> Como uma chave para acesso à cultura, essa foi uma das primeiras frases em japonês que um dos autores desse artigo aprendeu ao adentrar aquela sociedade.

<sup>4</sup> “*Cultural child into a cultural adult*” (Bachnik, 2004, tradução nossa).



## Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa

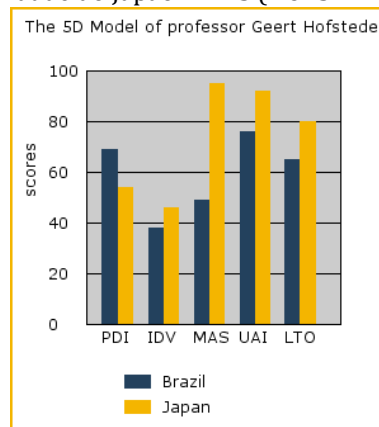
Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron

que se dá o trabalho interdisciplinar. Para isso, o texto está dividido em três seções: o papel da masculinidade, o papel do grupo e o papel da mídia, delineando a distribuição desigual da “insegurança no trabalho” (Genda, 2005) no Japão. Explorar-se-á, brevemente, temas como *furiitas* (trabalhadores em tempo parcial), “solteiros parasitas” (Yamada, 1999), crianças vítimas de *bullying* e mulheres trabalhadoras.

### O papel da masculinidade

Primeiramente, podemos explorar algumas dimensões culturais que diferenciam o Japão de alguns outros países, incluindo o Brasil. Adotamos de Hofstede (2001) a identificação de cinco dimensões primárias para auxiliar na diferenciação de culturas: (a) distância de poder (PDI); (b) individualismo (IDV); (c) masculinidade (MAS); (d) prevenção de incertezas (UAI); e (e) orientação de longo prazo (LTO); com a posterior adição de uma sexta dimensão relacionada ao grau de indulgência de uma cultura (Hofstede, 2011). O autor afirma que o Japão apresenta um índice de masculinidade muito alto - um dos mais altos entre todas as nações pesquisadas - indicando que o país experimenta um elevado grau de diferenciação de gênero: os homens dominam uma parcela significativa da sociedade e da estrutura de poder, com as mulheres sendo controladas por autoridades masculinas. O Gráfico 1 compara Japão e Brasil mostrando que o índice de masculinidade (MAS) é muito superior no Japão.

**Gráfico 1:** Comparação das dimensões culturais do Japão e do Brasil, para delinear o alto índice de masculinidade do Japão - MAS (HOFSTEDE, 2001).



Shire (2008) afirma que há uma centralidade na percepção de gênero no Japão,



## Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa

Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron

principalmente considerando a escolha de empregos: o emprego em tempo integral é uma concepção aplicada, essencialmente, aos homens, implicando em um processo contínuo no qual não há tempo para filhos e família. “O ‘modelo de ganha-pão masculino’ aponta para como as políticas sociais cruzam-se com as relações de gênero, para definir os homens como trabalhadores e as mulheres como esposas e/ou mães”<sup>5</sup> (Shire, 2008, p. 964, *tradução nossa*). Mas, como o “modelo de ganha-pão masculino” do Japão afetaria a distribuição de empregos no país?

Durante a realização de uma pesquisa sobre a polícia japonesa, desenvolvida por um dos autores deste texto no país, ele pode observar uma divisão marcadamente desigual de funções por gênero, dentro da instituição em que atuava. Em 2009, durante algumas visitas à Delegacia de Tama (prefeitura de Kanagawa), observou que dentre cerca de 200 policiais que trabalhavam naquela delegacia, apenas 10 eram mulheres. Os homens dominavam a maioria dos setores e departamentos de polícia e nenhuma das *koban* (cabines de polícia) naquela jurisdição contava com policiais do sexo feminino. Quanto à distribuição das mulheres, por setor, houve: Segurança no Trânsito - 5; Segurança da Comunidade - 3; Investigação Criminal - 2; Assuntos de Polícia Comunitária (*Koban*) - 0. Quando questionados sobre as habilidades da mulher para desempenhar as posições masculinas tradicionais, incluindo uma função de *Koban*, os policiais japoneses sugeriram que as policiais executariam melhor seus trabalhos como trabalhadoras de escritório. Genda (2005) confirma que no Japão existe uma hierarquia estabelecida em empregos de período integral e parcial, em que as mulheres são alocadas na parte mais inferior. Quanto à polícia japonesa, o trabalho é uma atividade em tempo integral em que todos os policiais são, basicamente, funcionários em tempo integral. Nesse caso, mesmo que as mulheres se envolvam em cargos de tempo integral dentro da polícia, elas tendem a exercer um trabalho predominantemente administrativo, visto como auxiliar, uma peça que alimenta e dá continuidade à estrutura dominada pelos homens.

---

<sup>5</sup> Original: “The ‘male breadwinner model’ points to how social policies intersect with gender relations, to define men as workers and women as wives and/or mothers” (Shire, 2008, p. 964).



## Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa

Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron

Assim, alguns questionamentos que podem ser levantados, ao abordar-se o problema das desigualdades de emprego no Japão, são: o que define trabalho em meio período neste país? Qual é a porcentagem de trabalhadores em empregos de meio período? Como muitos outros aspectos da cultura japonesa, este é um conceito aberto sem uma definição clara, uma vez que os trabalhadores de meio período não necessariamente trabalham menos horas do que os de tempo integral (Houseman & Osawa, 1995). De acordo com o Gabinete de Pesquisas Estatísticas de Emprego e o Ministério do Trabalho, em relação à situação dos trabalhadores de meio período, “[...] em 1990, 20,6% dos trabalhadores classificados como de meio período pelo seu empregador trabalhavam tantas horas quanto os demais trabalhadores, de tempo integral”<sup>6</sup> (Houseman & Osawa, 1995, p. 1, *tradução nossa*). Portanto, o emprego do termo “meio período” no Japão está claramente relacionado à posição na empresa, não às horas trabalhadas (Kalleberg, 2000).

Shire (2008) esclarece a distribuição desigual de empregos de meio período, destacando que, desde 2002, mais da metade da força de trabalho feminina depende destes empregos de meio período: “[...] dependendo da pesquisa usada, 84 - 85% dos homens permanecem regularmente empregados, enquanto a proporção do emprego regular das mulheres caiu, em algumas estimativas, de 20% desde 1985 para 49% de todas as mulheres empregadas em 2002”<sup>7</sup> (Statistics Bureau, 2004 *apud* Shire, 2008, p. 967, *tradução nossa*). Além disso, Houseman & Osawa (1995) explicam que um trabalho *arubaito* é um trabalho “secundário” assumido por alguém que está na escola ou que tem um emprego regular em outro lugar, enquanto os empregos de meio período são mantidos por aqueles que não têm outro emprego e que não são classificados pelos seus empregadores como de tempo integral. No entanto, enquanto os empregos *arubaito* em geral são mantidos por estudantes ou homens que possuem outro emprego integral, os

---

<sup>6</sup> Original: “In 1990, 20,6 percent of workers classified as part time by their employer worked as many hours as did regular, full-time workers” (Houseman & Osawa, 1995, p. 1).

<sup>7</sup> Original: “[...] Depending on the survey used, 84 - 85% of men remain regularly employed, while the proportion of women’s regular employment has, in some estimates, dropped by 20% since 1985 to 49% of all female employees in 2002” (Statistics Bureau, 2004 *apud* Shire, 2008, p. 967).



## **Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa**

*Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron*

empregos de meio período, geralmente, são ocupados por “mulheres casadas” (Houseman & Osawa, 1995). Essa discriminação nos empregos não significa apenas que essas pessoas trabalham em piores condições, com salários mais baixos e menor reconhecimento social, mas também que são majoritariamente mulheres.

Uma vez que as empresas tendem a estabelecer seus próprios padrões para diferenciar entre empregos de meio período e de integral, em muitos casos podemos identificar uma duplicidade: muitas pessoas, especialmente mulheres, são consideradas trabalhadoras de meio período, mas desempenham funções como se fossem empregadas em tempo integral (Houseman & Osawa, 1995; Kalleberg, 2000). Isso representa um não-reconhecimento dentro da sociedade japonesa. Até certo ponto, o significado de trabalho de meio período no Japão foi corrompido: ele carrega o mesmo conteúdo de trabalho de período integral, mas os salários oferecidos a estes funcionários são consideravelmente mais baixos e as condições são piores (Genda, 2005). Essa deterioração das condições de trabalho não poderia ser apontada como uma das possíveis razões para explicar a queda das taxas de natalidade no Japão? Poderíamos apurar fatos ao longo da história para reconfigurar o problema das baixas taxas de natalidade e identificar que as mulheres não são a causa disso, mas vítimas do próprio sistema de empregos, que é a causa real. Embora as mulheres desempenhem trabalhos reais, elas não recebem a mesma segurança e benefícios dos trabalhadores de tempo integral e, nesta situação, torna-se definitivamente mais difícil criar filhos.

### **O papel do grupo**

Yamada (1999) cita a expressão “solteiros-parasitas” para fazer referência a pessoas de 20 a 34 anos nunca casadas e que moram com os pais; se financeiramente dependem ou não dos pais, não é mencionado. O autor categoriza a juventude no Japão como uma decorrência fundamental dos problemas sociais atuais, pois a atitude dos jovens em relação ao trabalho mudou, ou seja, eles já não se sentem comprometidos com o trabalho. Como consequência, completa o autor, a deterioração da ética de trabalho entre os jovens representa a causa do aumento do desemprego e da redução



## **Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa**

*Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron*

das taxas de natalidade. De forma polêmica, Yamada (1999) delinea sua metodologia de pesquisa ou expõe os dados para explicar seus pensamentos. Ao invés de desenvolver estas especulações, diferentemente de Yamada (1999), propomos uma perspectiva para abordar este tema questionando: por que o fenômeno do “solteiro-parasita” existe na sociedade japonesa? Os solteiros-parasitas, no Japão, representariam, na realidade, a manifestação de um problema, e não sua causa? Por exemplo, em outros países desenvolvidos, existe uma tendência de jovens permanecerem na casa de seus pais - e uma tendência de os idosos interpretarem isso como “egoísmo” (McDonald, 2000). Importante também considerar que essa postergação (da saída de casa) acontece em diferentes lugares, seguindo um padrão global ao longo de muitas nações.

Por outro lado, Genda (2000) afirma que o fenômeno do “solteiro-parasita” no Japão não se deve à “autoindulgência”, como proposto por Yamada (1999), mas é uma resposta lógica às condições econômicas cada vez mais adversas. Ele afirma que são os jovens que enfrentam atualmente as consequências da crise econômica japonesa durante os anos 1990, em que o desemprego juvenil oscilava em torno de 10% e não havia acesso aos empregos de tempo integral. Além disso, Genda (2005) completa que os jovens não podem ser responsabilizados, pois são, na realidade, vítimas de uma estrutura de poder rígida, que discrimina os sujeitos por idade: “[...] a queda do emprego entre jovens é desencadeada não por mudanças na oferta de trabalho, mas por um grande declínio na demanda de trabalho, à medida que as empresas mantêm seus trabalhadores de meia-idade e mais velhos na folha de pagamento”<sup>8</sup> (Genda, 2005, p. 39, *tradução nossa*). O autor dá uma ideia aproximada sobre o não reconhecimento da desigualdade de empregos no Japão, focando em idade e gênero para delinear aspectos ocultos por trás da distribuição desigual de empregos na sociedade japonesa. Fatores como sexo, condição social, nacionalidade ou local de origem, estado civil e orientação sexual, entre outros, certamente levam à discriminação em qualquer lugar. Entretanto, de acordo com Genda (2005), empregados mais velhos não são tão afetados pelo corte

---

<sup>8</sup> Original: “The decline in youth employment is triggered not by changes in the labor supply but by a major decline in labor demand as companies keep their middle-aged and older workers on the payroll” (Genda, 2005, p. 39).



## **Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa**

*Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron*

de empregos na economia japonesa; os mais afetados tendem a ser os jovens; mesmo que muitos jovens queiram trabalhar, não conseguem encontrar empregos. Nesse ponto, uma questão recorrente poderia ser: qual o papel das empresas no cenário?

### *Carreiras profissionais e mobilidade social*

Okano (1993) apresenta um sistema em que os alunos passam por um processo de recrutamento, de modo que, ao se formarem, tenham o emprego garantido. Esse padrão tem sido uma característica na transição da universidade para as empresas no Japão. Não existe um período intermediário em que os jovens possam fazer outras coisas além do trabalho. Portanto, temos que entender o sistema de emprego para, então, entender a perspectiva dos fenômenos *furiita* (trabalhadores de meio período) e “solteiros-parasitas”. Em primeiro lugar, apontamos para o sistema japonês de classificação de alunos, da década de 1960. Uma vez que os alunos são aprovados nos exames de elite do ensino médio, eles têm maiores chances de serem aprovados nos exames da elite da universidade e de encontrarem um emprego bem remunerado permanente em uma empresa de elite (Okano, 1993). Esse sistema foi considerado um sistema que promove a mobilidade: se alguém se esforçar (*ganbaru*), conseguirá alcançar uma posição de destaque na sociedade. No entanto, essa ideia representa um dos principais erros de reconhecimento da atualidade, em termos de mobilidade social. Na década de 1960 havia alguma mobilidade para cima porque havia muitos empregos disponíveis. Mas agora, especialmente após o estouro da bolha da economia, a disponibilidade de empregos em tempo integral para os jovens foi reduzida (Genda, 2005). Aqueles que nascem pobres têm dificuldade de acessar as escolas secundárias de elite; aqueles cujos pais fizeram a “trilha de elite” têm condições consideravelmente favoráveis. O sistema, de fato, continua se reproduzindo.

### *Unidade social e ser social: 会社 = 社会? (empresa é igual sociedade?)*

Um ponto interessante a ser levantado é o conceito de unidade social no Japão. Qual é o menor denominador social em uma sociedade? Se olharmos para os EUA ou





## Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa

Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron

Brasil, uma vez nascido, o bebê recebe uma certidão de nascimento, incluindo seu nome, data de nascimento, nome dos pais e localização (não endereço); nota-se que, em muitas culturas ocidentais, desde o início da vida, uma identidade individual se estabelece. No entanto, no caso do Japão, um novo bebê não recebe uma certidão de nascimento e é inserido em um núcleo familiar. Também há um cadastro familiar, para avisar qualquer mudança de endereço. Com efeito, a identidade social no Japão faz parte de uma identidade de grupo. Se alguém faz algo bom ou ruim, todos os membros da família são afetados. Esses dados são corroborados por Lima (2018, 2018, p. 12) que considera que “[...] é comum que os trabalhadores tenham muita fidelidade à empresa na qual trabalham, apresentando baixíssima rotatividade de posições e permitindo grande influência da companhia na sua vida familiar”.

Essa identidade de grupo é importante, pois nos ajuda a entender outro não-reconhecimento relacionado ao conceito de ser social. O termo 社会人 - *shakaijin* ou membro (trabalhador) da sociedade - refere-se àqueles indivíduos que contribuem com a sociedade, tornando-se um ser-social-completo. Sob o imaginário japonês, esse processo ocorre, principalmente, quando a pessoa entra em uma empresa (GENDA, 2005). Considerando os leitores de formação ocidental, é importante esclarecer que no Japão as empresas têm o papel de “ensinar” seus funcionários a interagir com a sociedade. Por exemplo, a linguagem formal - 敬語 (*keigo*) - é aprendida, principalmente, no trabalho. Nessa perspectiva, as mulheres japonesas e os imigrantes estrangeiros dificilmente tornam-se *shakaijin*, pois são excluídos dessa ordem de trabalho. Ademais, o trajeto (1) ensino médio para (2) universidade e depois (3) empresa não é seguido pela maioria, incluindo cerca de 30% da população e principalmente homens (Genda, 2005). A palavra japonesa para sociedade é “shakai” 社会, e quando alteramos a ordem dos caracteres, temos a palavra “kaisha” 会社, que significa empresa. Essa inversão da ordem dos elementos formando as palavras sociedade e empresa, parece sugerir que antes de haver um sujeito temos um indivíduo que serve ao coletivo. Portanto, parece que a maneira como os japoneses pensam sobre o ser-social-completo é contraditória, pois foca, sobretudo, no modelo vivenciado apenas



## Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa

Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron

pelos trabalhadores contratados por empresas. Devemos considerar também aqueles que não estão incluídos neste imaginário.

### O papel da mídia

Em qualquer lugar do mundo podemos identificar tensões entre o estar em sociedade - 建前 *tatema*<sup>9</sup> - e expressar-se genuinamente - 本音 *honne*<sup>10</sup>. Mas, no caso do Japão, a face *tatema* é sólida e muito mais valorizada que a *honne*. Os problemas e os conflitos existentes não devem ser divulgados, mas mantidos na esfera do *honne* – como, por exemplo, o desemprego, a discriminação de mulheres, de estrangeiros e, como exploraremos a seguir, a questão do *bullying* (いじめ *ijime*, em japonês). Temos nos hábitos culturais as marcas das fronteiras rígidas entre o “dentro” e “fora”, como na casa japonesa, que se baseia “[...] numa distinção absoluta entre as noções de *uchi* (dentro) e *soto* (fora), de modo que o ambiente interno ocupado pela família estaria completamente isolado do mundo exterior, habitado por estranhos. O costume de tirar os sapatos antes de entrar na casa seria um símbolo desta separação, pois evitaria que a impureza do mundo exterior contaminasse o mundo interior” (Oda, 2011).

No Japão, o *bullying* é um ato de grupo, um assédio coletivo em diferentes aspectos da vida de uma determinada vítima (Yoneyama & Naito, 2003); ocorre atacando aquele que é diferente, divergente, visto como desviante. Em 2007 um dos autores deste texto entrevistou uma estudante universitária brasileira, em Tóquio, que se mudou para o Japão aos 12 anos de idade e logo foi intimidada pelo professor que lhe disse que não deveria nem tentar estudar, porque, como estrangeira, não alcançaria qualquer objetivo acadêmico no país (entrevista pessoal, 2007). No Japão, as vítimas de *bullying* são pressionadas a se adaptarem, se camuflarem no sistema, se invisibilizarem. No caso das crianças *dekassegui* brasileiras, geralmente são pressionadas a realizar trabalhos

---

<sup>9</sup> *Tatema*, literalmente “fachada”, é uma expressão japonesa que se refere ao comportamento e opiniões que uma pessoa exhibe em público. *Tatema* é o que é esperado pela sociedade e exigido de acordo com as circunstâncias e a posição de cada um, e essas podem ou não ser compatíveis com a *honne*.

<sup>10</sup> *Honne* é uma expressão japonesa que se refere aos sentimentos e desejos genuínos de uma pessoa, que podem ser contrários ao que é esperado pela sociedade ou o que é exigido de acordo com a posição e as circunstâncias da pessoa, e muitas vezes são mantidos escondidos, exceto para amigos mais próximos e familiares.



## **Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa**

*Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron*

semelhantes aos de seus pais, relacionados, principalmente, às fábricas ou empregos de meio período. No que tange, ainda, à vida escolar, Lima (2018) observa que:

[...] as regras internas das escolas, em comparação às instituições brasileiras, são rígidas. Segundo o sociólogo Teruhisa Horio estudar no Japão significa estar em 'estado de guerra', uma vez que os alunos são 'publicamente catalogados conforme o lugar que ocupam na competição' levando à formação de constantes rivalidades entre eles, que encontram nas práticas de violência e nos muitos casos de suicídio juvenil duas de suas expressões mais graves. A condição de estrangeiro pode acirrar estas questões, uma vez que as escolas japonesas raramente reavaliam seu sistema a partir da presença de um aluno de outro país (Lima, 2018, p. 13-14).

Yoneyama & Naito (2003) afirmam que o sistema escolar japonês reforça que não é permitido se retirar do grupo, ser um sujeito ou agir de forma independente. O chamado *bullying* de "inexistência" ou invisibilidade é bastante devastador: todo um grupo ignora completamente a vítima, como se ela não existisse. Os espectadores relutam em ajudar as vítimas; eles sentem que precisam se juntar ao *bullying*, ou podem tornar-se os próximos alvos. Esse processo exige um alto nível de coordenação, em que uma resposta possível tem sido suicídio - diferentemente das culturas ocidentais nas quais, frequentemente, a resposta é o ataque aos agressores. Depois que uma vítima de *bullying* comete suicídio, vemos uma espécie de "show" veiculado pela mídia: reuniões de grupos, conselhos escolares, entre outros, são reportados. Porém há um foco na vítima, a qual não recebe grande compaixão; mas, as causas do problema não são investigadas (Yoneyama & Naito, 2003). Argumentamos que isso representa outro não-reconhecimento, neste caso, reforçado pela mídia. Não há a consciência de que o agressor está seguindo o sistema que indica o mais "apto" para ter sucesso na sociedade (não-mulher, não-estrangeiro, não-diferente); é um efeito desse próprio sistema de classificação. Podemos aventar a possibilidade de que a sociedade japonesa não percebe o sistema e tende a culpar os indivíduos quando problemas acontecem. A título de comparação, a situação do desemprego no Japão segue um padrão semelhante: está se fragmentando, mas as pessoas parecem não perceber.

*Hikikomori: transmitindo conceitos equivocados*



## **Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa**

*Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron*

Ao explorar diferentes reconhecimentos que surgem na sociedade japonesa, inevitavelmente acabamos nos perguntando qual seria o papel da mídia ao longo desse processo. Está reforçando conceitos ou esclarecendo aspectos ocultos na sociedade japonesa e os revelando? Embora não tenhamos explorado o *hikikomori*<sup>11</sup> neste trabalho, vale ressaltar que esse fenômeno está associado a uma intensa cobertura midiática, ao expor comportamentos violentos e combinar diferentes categorias de uma mesma manifestação (Dziesinski, 2003). Esse processo gera um grande equívoco sobre o fenômeno, causando generalizações e preconceitos que pouco contribuem para o esclarecimento de problemas socioeconômicos.

A fim de explorar o papel da mídia e as percepções equivocadas decorrentes dela, podemos nos voltar brevemente para o interessante trabalho feito por Ellis & Hamai (2006) na cobertura midiática de escândalos policiais no Japão no final dos anos 1990. De acordo com esses autores, tal cobertura exagerada da imprensa provocou reações políticas de modo que crimes mais “triviais” fossem relatados e os números gerais de crimes disparassem. A polícia foi pressionada a realizar seu *ganbaru* (“tentar com mais afinco”), relatando mais do que nunca qualquer possibilidade de crime. Como consequência, “[...] o mito resultante do colapso da sociedade segura parece, por sua vez, ter contribuído para visões públicas cada vez mais punitivas sobre os criminosos e suas condenações no Japão”<sup>12</sup> (Ellis & Hamai, 2006, p. 1, *tradução nossa*). Os autores sugerem que o Japão poderia estar caminhando para o punitivismo popular devido à superexposição de crimes violentos, embora as estatísticas mostrem que os crimes violentos mantiveram os números ao longo dos últimos anos. Podemos inferir que a polícia foi responsabilizada por não realizar seu trabalho; portanto, iniciou-se um processo de denúncia de casos triviais, que acabaram aumentando a percepção de insegurança pública. Em muitos casos, a mídia tem o poder de influenciar as percepções

---

<sup>11</sup> *Hikikomori* 引き籠もり, literalmente “isolado em casa”, “ser confinado”, também pode ser entendido como “retração social aguda”. É um termo japonês que se refere ao fenômeno da reclusão individual de sujeitos que optaram por se retirar da vida social; pessoas que buscam graus extremos de isolamento e confinamento por conta de vários fatores pessoais e sociais. O termo *hikikomori* se refere tanto ao fenômeno sociológico em geral como aos indivíduos.

<sup>12</sup> Original: “The resulting myth of the collapse of secure society appears, in turn, to have contributed to increasingly punitive public views about offenders and sentencing in Japan” (Ellis & Hamai, 2006, p. 1).



## **Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa**

*Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron*

populares da realidade, obscurecendo as causas reais de fenômenos complexos, como ondas recentes de imigração, violência, desemprego e taxas de suicídio no Japão.

Defendemos aqui que o foco não deva ser a problematização do sujeito, isoladamente - seja ele um estrangeiro que cometeu um crime violento, no caso de escândalos policiais; uma criança que cometeu suicídio, no caso de *bullying*; ou um homem ou mulher de 40 anos que mora com os pais - mas sim encontrar razões para descrever tais fenômenos. A mídia deve desempenhar seu papel na análise dos porquês dessas situações acontecerem, ao invés de culpabilizar os sujeitos e sua incapacidade de se adaptarem ou realizarem seu *ganbaru* individual.

### **Considerações finais**

Poderíamos aprofundar e nos indagar o porquê de as pessoas não ousarem perguntar sobre as verdadeiras causas dessa distribuição desequilibrada "oculta" de inseguranças na sociedade japonesa. Por que focar no *ganbaru* pessoal, quando existem problemas sistêmicos que não podem ser resolvidos simplesmente pelos sujeitos? Qual é o papel desempenhado pelas corporações poderosas no Japão? E as respostas - ou a falta delas - do governo japonês em relação a políticas públicas?

Se há mais adultos morando com os pais, essa tendência não deve ser atribuída a problemas emocionais, como o declínio da autossuficiência ou da vontade de trabalhar. Seria melhor concordarmos com Genda (2005) em seu argumento de que, na realidade, “[...] é o produto de uma estrutura socioeconômica que tenta preservar ou mesmo reforçar os já existentes direitos adquiridos de trabalhadores de meia-idade e mais velhos”<sup>13</sup> (Genda, 2005, p. 44, *tradução nossa*). Por exemplo, a problemática dos *furiitas* (trabalhadores de meio período) não pode ser considerada uma consequência originada pelos próprios jovens solteiros, especialmente considerando uma questão muito lógica: por que estes prefeririam empregos com menor remuneração?

Sólidos valores de masculinidade e desigualdade de gênero parecem ser um aspecto generalizado da sociedade japonesa, mantendo as mulheres oprimidas em

---

<sup>13</sup> Original “It is the product of a social-economic structure that attempts to preserve or even reinforce the existing vested rights of middle-aged and older workers” (Genda, 2005, p. 44).



## Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa

Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron

condições de trabalho desfavoráveis (Hofstede, 2001; 2011; Shire, 2006; Genda, 2005). O papel da identidade de grupo, associado a uma concepção rudimentar de pertencimento à sociedade, enfatizando as faixas de elite (Okano, 1993; Genda, 2005), acrescentam um ponto que reforça a distribuição desequilibrada de inseguranças no emprego. Além disso, a cobertura da mídia contribuiria para reforçar os equívocos e distorcer as causas de tais acontecimentos (Yoneyama & Naito, 2003; Ellis & Hamai, 2006). É esperado que estrangeiros que cometeram crimes, crianças vítimas de *bullying*, mulheres solteiras, “solteiros parasitas”, trabalhadores de meio período (*furiitas*) e outros, superem problemas sistêmicos por meio de “*ganbaru*” (esforço) individual, tentando com mais força de vontade, enquanto, na verdade, apenas manifestam as consequências de problemas socioeconômicos. Eles sofrem um não-reconhecimento sistêmico, sendo separados em categorias, enquanto convergem no fato de que são todos, sob esse prisma, categorias irreais. Como consequência, concluímos que os sistemas e as organizações sociais são muito mais poderosos do que o sujeito no Japão, embora o próprio seja, em geral, considerado responsável por tais problemas sistêmicos.

Talvez estejamos aqui diante de um caso semelhante, segundo Tsuda (2003) *apud* Oda (2013):

[...] os brasileiros mais propensos a apresentar uma perspectiva mais crítica são justamente aqueles que a partir da década de 1990 passaram a viver e trabalhar no Japão como *dekasseguis*. Por vivenciarem de perto os conflitos e as contradições da sociedade japonesa, e sendo eles próprios o alvo de preconceito e discriminação por parte dos japoneses, esses brasileiros acabam desenvolvendo uma imagem muito mais crítica com relação à ideia de cultura japonesa.

A despeito disso, no entanto, ensejamos poder levantar questões sobre a importância do desenvolvimento de políticas públicas, relacionadas a essas questões, que ampliem o olhar e a valorização das singularidades e das diferenças, inclusive, geracionais.

### Referências

Bachnik, J. **At home in Japan: What Nobody Tells you**. Project funded by the National Institute of Multimedia Education (NIME), Makuhari, Japan. 2004.



## **Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa**

*Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron*

Bourdieu, P. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

Dziesinski, M. J. **Hikikomori**: Investigations into the phenomenon of acute social withdrawal in contemporary Japan. A research paper submitted to satisfy the requirements for Sociology course number 722 at the University of Hawai'i, Manoa. Honolulu, Hawaii, Spring 2003.

Ellis, T. & Hamai, K. Crime and Punishment in Japan: From Re-integrative Shaming to Popular Punitivism. **International Journal of the Sociology of Law**, v. 34, n. 3, p. 157-178, 2006

Genda, Y. A debate on Japan's Dependent Singles, **Japan Echo**, June, p. 47-56, 2000.

Genda, Y. **A Nagging Sense of Job Insecurity**: The New Reality Facing Japanese Youth. Tokyo, Japão: International House of Japan, Inc, 2005.

Hofstede, G. **Culture's Consequences**: Comparing Values, Behaviors, Institutions and Organizations Across Nations. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2001.

Hofstede, G. Dimensionalizing cultures: The Hofstede model in context. **Online readings in psychology and culture**, v. 2, n. 1, 2011.

Kalleberg, A. L. Nonstandard employment relations: Part-time, temporary and contract work. **Annual review of sociology**, p. 341-365, 2000.

Lima, I. A. Identidades, transnacionalidade e violência: o caso dos brasileiros no Japão. **Aedos**, v. 10, n. 22, p. 10-28, 2018.

MCCARGO, D. **Contemporary Japan**. Duncan McCargo Palgrave Macmillan, New York/NY, 2004.

Mcdonald, P. Low fertility in Australia: Evidence, causes and policy responses. **People and Place**, n. 8, p. 6-21, 2000.

Oda, E. Interpretações da "cultura japonesa" e seus reflexos no Brasil. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 26, n. 75, pp. 103-117, Fev. 2011.

Okano, K. **School to Work Transition in Japan**. Clevedon, Avon, UK: Multilingual Matters Ltd, 1993.

Shire, K. A. Gender dimensions of the ageing workforce. In: **The Demographic Challenge**: A Handbook about Japan. Brill, 2008. p. 963-978.



**Ganbaru (esforçar-se) e suas intersecções na sociedade japonesa**  
*Cesar Alves Ferragi & Monica Filomena Caron*

Yamada, M. **Parasaito Shinguru no Jidai**. Tóquio: Chikuma Shinsho, 1999.

Yoneyama, S. & Naito, A. Problems with the paradigm: the school as a factor in understanding bullying (with special reference to Japan). **British Journal of Sociology of Education**, 2003, v. 24, n. 3, p. 315-330.